

Novas migrações do sujeito no discurso capitalista

Em todas as épocas, o mal-estar cultural se manifesta por meio de movimentos do sujeito. As perguntas a serem feitas hoje são: como essas migrações do sujeito se manifestam no contexto contemporâneo e que efeitos elas têm sobre o sujeito? que tipo de laço social é produzido e qual é a relação entre sintoma, gozo e desejo em nosso tempo?

Vivemos em uma época marcada por uma profunda reconfiguração do laço social, sob a influência do discurso do capitalista. A tecnologia, que se tornou uma terceira parte onipresente, interfere em nossos relacionamentos, modifica nossas modalidades de gozo e redesenha as coordenadas do desejo.

Nesse contexto, vale a pena perguntar: como o sujeito ainda se articula com a linguagem? Como a alteridade é sustentada? e qual é o status da castração como um operador estruturante hoje?

Baseados em dois fenômenos contemporâneos - o "*Anonymous*" e os "*sin papeles*" - propomos interrogá-los como sintomas sociais, figuras paradigmáticas das novas migrações do sujeito no discurso capitalista. Ambos incorporam, de maneiras diferentes, os efeitos do processo de anonimização ligado ao individualismo de massa.

O deslocamento na virtualidade: Anônimo, uma alteridade sem rosto

No espaço virtual, o sujeito da psicanálise é diluído em uma massa desidentificada: ele perde seu nome, seu corpo, sua história. A figura do Anônimo condensa essa lógica: uma coletividade pixelada e sem rosto, cujo emblema - a máscara de Guy Fawkes (V de Vingança) - funciona como um significante vazio, como um objeto a, como um objeto de olhar inacessível, sem um Outro identificável.

Do estádio do espelho ao estádio da tela

Se o estádio do espelho, tal como Lacan o formulou, fundava a identidade na imagem do espelho e no reconhecimento pelo grande Outro, hoje a tela vem complexificá-la, tanto nos tempos inaugurais como em outros momentos lógicos em que a imagem que o sujeito recebe do Outro importa.

Essa mutação gera efeitos clínicos sem precedentes: o enodamento da imagem pelo significante Nome-do-Pai é alterado. Produz-se uma captura sem borda, uma identidade sustentada em uma ancoragem simbólica difusa. É um retorno à imagem sem signo.

Em vez de unificar, a tela fragmenta a imagem em vários avatares. A pergunta "Quem está me olhando?" Agora é dirigida a algoritmos, usuários anônimos ou câmeras de vigilância: um olhar sem um Outro, não especularizável, gerando uma experiência constante do Unheimlich. Com esse duplo digital, o avatar se torna inquietante: há uma ruptura entre a imagem virtual e o corpo real.

Fragmentação e gozo aditivo

Nas redes sociais, o gozo circula em um circuito aditivo de validação quantificável. Nessa lógica, a demanda parece ter primazia sobre o desejo: há uma demanda infinita - curtidas, visualizações, reconhecimento numérico.

O Outro, que personificava a Lei, desaparece, substituído por um sistema de equivalências sem limites. Resultado: uma posição fora do palco, onde o ato virtual substitui o retorno do real com uma descarga de gozo ilimitado, em uma encenação do fracasso do Outro por meio da repetição viciante.

Nesse continuum sem falta que constitui o mundo conectado, muitos adolescentes adotam uma posição subjetiva particular, refutando a castração estruturante: menos ϕ ($-\phi$), eles se tornam Unfalo ou Incel (celibatários involuntários...). Em outras palavras, um sujeito que, em vez de ser estruturado com base na falta, é capturado em um circuito pulsional sem a mediação do Outro.

Essa posição se manifesta clinicamente no cyberacting: atos realizados na virtualidade que impactam o real sem que o sujeito possa simbolizar o que está fazendo. Não há cena mítica, não há função mediadora do Outro; o ato surge como uma descarga pulsional, como uma passagem ao ato puro, em um espaço onde o real e o virtual se confundem. A cena pública está repleta de exemplos desses desbordamentos pulsionais.

Violência, prazer e captura algorítmica

Estamos presenciando uma crescente confusão entre virtualidade e realidade, especialmente em contextos de extrema violência, criminalidade ou terrorismo, em que adolescentes são capturados por meio de redes sociais, muitas vezes por coletivos anônimos com estética imersiva de videogame (avatars, missões, pontuações).

Esses jovens “brincam” com a morte como se ela fosse um desafio em rede, sem a dimensão do Outro simbólico operando como limite ou Lei.

A violência torna-se, então, uma tentativa extrema de inscrição no real, uma tentativa desesperada de subjetivação.

Esse fenômeno é uma evidência da radicalização do sintoma contemporâneo: o sujeito não parece mais ser sustentado pela palavra, mas pelo ato; ele não está mais inscrito em uma dimensão desejante onde a falta opera, mas na descarga das pulsões governadas por interfaces algorítmicas.

Longe de ser marginal, esse fenômeno se impõe como um sintoma do seu tempo: um sujeito sem cena simbólica, ilusoriamente sustentado pela tela em uma cena virtual, preso entre o fascínio pela imagem e a pulsão de morte, sem a mediação da castração.

Os “sin papeles”: perda do campo simbólico

Em contraste com a hiperpresença virtual do Anônimo, os migrantes sem documentos incorporam o pólo oposto: um remanescente radicalmente excluído da linguagem e do vínculo social.

Expulsos do campo da lei, privados de qualquer forma de reconhecimento institucional, esses sujeitos são inscritos no Real como objetos descartáveis ou sacrificáveis.

Do sujeito desejante ao objeto descartado

Os sem papéis não são reconhecidos como sujeitos pelo Outro simbólico, mas como objetos sem inscrição: resíduos de um sistema que produz mais-valia e gozo, excluindo a castração estruturante.

O que não pode ser nomeado retorna sob a forma de violência: em campos de detenção, rotas migratórias mortais, corpos sem história.

Exílio do sujeito e retorno do real

Essa exclusão produz uma dessubjetivação por defeito de endereçamento ao Outro, distinta da forclusão: é um exílio do sujeito. O significante fundamental S1 que permitiria sua inscrição - seu nome, seu status legal, seu reconhecimento pelo Outro - desaparece. Trata-se de uma experiência de perda do campo simbólico não articulado ao desejo do Outro: o sujeito é exilado de si mesmo, sem um lugar possível de enunciação.

O retorno dessa exclusão é produzido no real dos corpos migrantes: cifras, naufrágios, deslocamentos massivos.

Nessa clínica da precariedade, observamos uma dessubjetivação, delírios paradoxais, perda de ancoragem que ocupam o lugar de qualquer possibilidade de historicização.

A inquietante estranheza se espalha como um clima político, como uma afetação social compartilhada.

Subjetividade contemporânea: entre fluidez e exclusão

Essas duas figuras - *Anonymous* e *paperless* - traçam os contornos de uma nova condição subjetiva: entre a fluidez identitária (avatars, gêneros não binários, anonimato digital) e a exclusão radical (sem nome, sem direito, sem reconhecimento do desejo).

Em ambos os casos, há uma dificuldade crescente em inscrever a falta:

Uma recusa da castração e do inconsciente.

Um gozo sem limites (Anônimo, Unfalo),

Ou um vazio absoluto de inscrição simbólica (sem papéis).

É essa tensão entre excesso e exclusão que produz novas formas de mal-estar na civilização.

Clínica do sintoma anônimo: uma ética do singular

Diante desses fenômenos, a clínica psicanalítica não deve ceder à tentação adaptativa, mas resgatar a singularidade do sintoma como uma criação do sujeito. Não se trata de restaurar um grande Outro fracassado, nem de oferecer soluções sociais.

Nossa tarefa é ler o sintoma, esse lugar onde o sujeito ainda pode se inscrever como singularidade, sustentar a castração e permitir que ele escreva seu nome onde ele foi apagado.

Isso implica uma ética rigorosa: não ceder ao anonimato de massa ou à vitimização.

Trabalhar com o sujeito - não com a vítima nem com o avatar - para que ele possa acomodar a falta, sua divisão, sua singularidade.

Conclusão: a castração como uma bússola

A castração não parece mais operar como a Lei do Pai, mas como um resto excluído (sem papéis) ou como um excesso de gozo (Anônimo). O sujeito contemporâneo oscila entre esses dois polos: evaporação na massa ou expulsão para fora do discurso. Nossa clínica, mais do que nunca, deve interrogar como o sujeito lida com esse grande Outro que não encarna mais a castração como um limite e como, apesar disso, ele ou ela ainda pode sustentar uma posição desejante, encore.